

From the Bluest Eye to a lesser I?

Espaços de invisibilidade na narrativa de Toni Morrison

Ana Sofia Monteiro Simão, Media Studies, ESEV, IPV,
anasofia.simao@hotmail.com

Ricardo Miguel Pereira Rodrigues, Media Studies, ESEV, IPV,
rodrigues1877ricardo@gmail.com

Susana Rocha Relvas, Visiting Associate Professor, ESTGV, IPV,
srelvas@esev.ipv.pt

Abstract

The Bluest Eye, written by Nobel Prize winner Toni Morrison takes place in the early 1940s in Ohio, where most of the community is African and impoverished. The story follows the Breedloves, a family that is characterized by violence, both sexually and physically, instability, lack of respect and who does not display any demonstrations of love or care either, especially as far as the parents are concerned (and contrarily to what the name *breed love* suggests). On the other hand, the story shows another family, the foster home of Pecola, a total opposite of her original family. The MacTeer's home, who are also black, is stable, loving and they teach their children to be aware of their own worth. These two different spaces play an important role in shaping Pecola's future. In her foster home, Pecola finds a sort of protective shell (Bachelard: 1958) and the love she receives increases her self-esteem and helps to create a more positive image of herself.

Thus, one concludes that even though she was thrown out of her home due to the fact that she was pregnant from her father, she moved from a topophobic to a more topophilic environment (Fu-Tuan: 1977). What rests to be known is whether the stability of the foster family will be enough to save her.

Keywords: topophilia, topophobia, eye versus I, Afro-American literature and culture, spatiality.

Introdução

Chloe Anthony Wofford Morrison, mais conhecida como Toni Morrison (1931-2019) foi romancista, ensaísta, editora e professora universitária, tendo sido a oitava americana a receber o Prémio Nobel de Literatura, em 1993. De origem afro-americana, a sua obra literária centra-se na denominada “experiência afro-americana”, num período histórico que medeia entre a colonialidade e a pós-colonialidade.

Desde *The Bluest Eye* (1970), o seu primeiro romance, em que a autora traça o retrato de uma sociedade subalternizada e em decadência de valores, passando por *Song of Solomon* (1977), onde se desenvolve a problemática da busca da identidade ou *Tar Baby* (1981), onde se espelham os conflitos de raça, classe e sexo, também em *Beloved* (1987), com adaptação para o cinema e merecedor do prémio Pulitzer, como em *Mercy* (2008), a autora aprofunda o drama da escravatura e as duras consequências do racismo.

Este trabalho centra-se na análise do seu primeiro livro *The Bluest Eye*, à luz das teorias culturais e pós-coloniais desenvolvidas por Stuart Hall (1990), Spivak (1988), Deleuze & Guattari (1992) e Steiner (1995), bem como na problemática da espacialidade, em concreto, na ideia de espaço segundo Gaston Bachelard (2012), Foucault (1967, 1984) ou Fu-Tuan (2001), que partem dos conceitos de heterotopia, topofilia e topofobia aplicados ao estudo da obra literária. Paralelamente, procederemos à análise das temáticas subjacentes ao romance, tais como a representação literária da cultura afro-americana, o racismo, a subalternização da cultura negra face à cultura branca predominante nos Estados Unidos, a ausência da identidade própria e a alienação.

O espaço geográfico, onde se desenrola a ação, centra-se no estado de Ohio, na cidade de Lorain, centro urbano que, ainda hoje, possui uma das maiores taxas de violência nos Estados Unidos. Estes espaços de conflito, representados na narrativa, remontam à década de 40, após a grande depressão económica, e é-nos contada a história de Pecola Breedlove, uma menina negra que procura o amor numa sociedade que menospreza a sua existência e ignora as pessoas da sua raça.

1. Breve enquadramento teórico

A análise crítica dos temas e motivos desenvolvidos no romance de Toni Morrison situa-se no âmbito mais alargado dos estudos culturais e, em concreto, na problemática do espaço na narrativa da autora. Espaço que é dominado pelas personagens femininas, apesar da sua condição de subalternização no seio de uma sociedade patriarcal, de alienação racial, de empobrecimento económico, pautado pelo trauma da infância e pela transgressão (Terry, 2005: 2).

Segundo o autor jamaicano Stuart Hall, a emergência dos estudos culturais, a partir sobretudo da década de 70, prende-se com a necessidade de dar voz às minorias, promovendo “ways of thinking, strategies for survival, and resources for resistance to all those who are now - in economic, political, and cultural terms - excluded from anything that could be called access to the national culture of the national community” (HALL, 1990: 22). Esta necessidade de resistência advém da circunstância histórica do colonialismo e do sistema escravagista, responsáveis pelo deslocamento forçado dos povos africanos para as colónias americanas. Verifica-se, então, aquilo a que Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992) apelidam de “desterritorialização” ou, como a entendeu, George Steiner (1995) a condição de “extraterritorialidade” que se traduz no

desenraizamento simultaneamente físico e psicológico. A história e a identidade destes povos foi apagada, vivendo no limbo entre a cultura ancestral africana, de que foram privados (Hall, 1990), e uma nova sociedade que não os aceita nem representa. Nesta mesma linha, Spivak, no seu seminal ensaio “Pode o subalterno falar? (“Can the subaltern speak?” (1988)] reflecte sobre as formas de representação dos sujeitos subalternos, em especial, das mulheres que lutam por libertar-se do espaço periférico a que continuam votadas ao esquecimento, tal como se verifica na narrativa de Toni Morrison.

Se por um lado, a narrativa de Morrison versa sobre as vivências da cultura negra, por outro a sua escrita, pelo discurso de denúncia que lhe é subjacente, reclama a liberdade e a felicidade, “race-specific yet race-free prose (Khayati, 1999: 313), procurando tomar a trilha de outro caminho, o da justiça social para a sociedade norte-americana. A sua escrita é, neste sentido, profundamente política, de intervenção social, de reativação das memórias locais e de regeneração.

Apesar da autora não se considerar feminista, por entender que a adesão a qualquer movimento representa fechar-se a outras possibilidades, críticos como W.S. Kottiwari situam-na no “feminismo pós-moderno”, dado que Morrison altera as dicotomias euro-americanas para reescrever a história convencional contada pelos historiadores da corrente vigente. Nesse sentido, a autora ultrapassa o âmbito da pós-colonialidade para, tendo em conta as palavras de Kottiswari (2018), recusar abstrações topocêntricas ocidentais, optando pela linguagem poderosa e expressiva das mulheres negras, pondo a descoberto as suas crenças, mitos e folclore.

2.Espaços de invisibilidade: topofilia, topofobia e outros espaços

Em *Espaço e Lugar* [*Space and Place: The Perspective of Experience* (1977)], o geógrafo Fu-Tuan define o estudo do espaço, numa perspetiva humanista, como o estudo dos sentimentos e das ideias espaciais das pessoas no decorrer da sua experiência (388). Na mesma linha, o pensador e poeta Gaston Bachelard, atendendo às complexas relações entre o homem e o espaço no seu livro *La poétique de l'espace* (1958), centra-se no espaço privado da casa como local de proteção sendo que, concretamente, o contacto íntimo com os seus objetos produz sentimentos e lembranças que são importantes instrumentos de descoberta da alma humana. A casa está associada a um sentimento forte de lugar, ora lugar de sonho e devaneio (201), ora de aprisionamento e

de hostilidade (196), de acordo com as experiências vividas. Mas trata-se sobretudo de um sentimento de pertença, um sentir-se protegido no interior de uma concha inicial (Bachelard, 29). Este espaço íntimo que a casa representa, é um espaço tofílico, conceito pioneiro tal como o designa já Bachelard (1958, 2012: 205), e que o geógrafo Fu-Tuandese desenvolve de forma ainda mais alargada e aprofundada no seu transformador estudo *Topophilia. A Study of Environmental Perceptions, Attitudes, and Values* (1990). Neste volume, o autor procede a uma análise dos lugares, seja de harmonia e de afeto que marcam de forma positiva o ser humano (93), seja de modo negativo, quando o lugar que habita é o bairro degradado ou o gueto, marcados pelo estigma da pobreza e da exclusão social (253-255). Também no seu livro *Paisagens do Medo [Landscapes of Fear]* (1979), Fu-Tuan irá centrar-se nos lugares de repulsa e de terror que designa de tofóbicos. Como afirma o autor, as “paisagens do medo são reais e ou psicológicas” (2005:232) e, nesse sentido, o sentimento tofóbico resvala para o conceito de topcídio (1983), ou seja, a destruição deliberada de lugares, como sucede no romance em análise.

No já mencionado livro *Topofilia*, Fu-Tuan alude à complexa sociedade norte-americana, dando como exemplo de espaço tofóbico o conhecido bairro de Harlem, onde prolifera a pobreza, a decadência e a violência, onde a “fantasia substitui a realidade” (255), e os mais carenciados são influenciados por “tradições peculiares ou étnicas e pelas várias condições socioeconómicas sob as quais são obrigados a viver” (255). Tais problemáticas manifestam-se no romance *The Bluest Eye*, como veremos mais adiante. Principais vítimas deste contexto socioeconómico e cultural, “as crianças são bem conscientes da sordidez do seu ambiente” (254), tal como acontece com a personagem principal Pecola.

3. Breve análise do romance

A ação de *The Bluest Eye* centra-se num período histórico pungente para o povo negro norte-americano, marcado pelo preconceito racial e segregação social, que se encontram subjacentes aos dilemas e peripécias vividos pelas personagens. A autora expõe, com acutilante realismo, as fragilidades da cultura afro-americana, de forma inovadora, não só pelo modo como constrói as personagens, mas também pela forma como descreve os ambientes, os espaços e os lugares onde se situa a ação.

Neste romance apresentam-se duas vozes narrativas. A primeira e predominante, é a voz de um narrador onisciente na terceira pessoa, responsável pela caracterização de todas as personagens. A segunda, é a voz de Claudia, narradora-personagem que, quando nos conta a história, já não é mais a menina de nove anos que participou daquele momento da vida de Pecola.

A diegese centra-se em Pecola que se sente constantemente ostracizada pela sociedade devido ao tom escuro da sua pele. O sentimento de fealdade que lhe é inculcado provoca um complexo de inferioridade, o que faz com que deseje ter olhos azuis e pele branca, estereótipos que a sociedade impõe como modelo único de beleza, uma obsessão que inevitavelmente a levará à alienação e à loucura.

A mãe de Pecola, Pauline, é apelidada de Polly pela filha dos patrões. Tratando-se de um diminutivo, esta forma de tratamento revela uma tentativa de depreciação e infantilização de Pauline, que em muito lembra a figura do Sambo¹. O pai de Pecola, Cholly, não sente afeto por ninguém, porque não foi educado a experienciar e distinguir emoções, não tendo a capacidade de diferenciar o ódio do amor. Os seus pais abandonaram-no quando era criança e quem o criou foi uma tia. A forma de demonstrar o ódio/amor que ele tem pela filha é através da violação, corolário do seu desejo de um enlace físico com ela, sendo esta a única forma que ele conhecia de mostrar carinho (tenderness). Este ambiente doentio provoca em Pecola, ódio e insegurança, que conduz invariavelmente à crise de identidade e ao défice de auto-estima.

3.1.O espaço simbólico em *The Bluest Eye*

Ao longo da obra, a autora apresenta-nos inúmeras referências no plano do simbólico. Desde logo, a ambivalência de sentidos que está subjacente ao título do livro: *the bluest eye* em oposição a “a lesser I” (a forma como Pecola se sente), que remete para a obstinada necessidade de construir uma personagem ideal (branca, de olho azul), em detrimento da sua própria identidade (do eu) que é anulada. O olho azul simboliza para Pecola a beleza e a felicidade que ela associa à sociedade branca. Pode, de igual modo, simbolizar a sua própria cegueira, pois ela ganha olhos azuis a custo da sua sanidade.

¹Infantil, apático, preguiçoso, porém dócil e contente com a sua condição de escravo (Pauline era uma espécie de escrava).

Mas não é só o título que está carregado de significado simbólico, também o apelido da família carrega uma simbologia muito importante. O apelido Breedlove-breed(raça ou gerar) + love(amor), deveria passar a ideia de uma raça da qual se originaria amor, mas, neste caso, representa o oposto. Nenhuma destas palavras se aproxima aquilo que os Breedlove representam, dado que Pecola não tem uma boa relação com a sua mãe, uma vez que esta nutre mais amor pela filha branca dos seus padrões do que pela própria filha. Também o nome Pecola é simbólico; lembra pecado, um pecado que implicou que os malmequeres não florescessem esse ano.

Um outro elemento simbólico, que perpassa toda a narrativa, é a história de “Dick and Jane”, lecionada na escola e que fazia parte dos *Elementary School books* que tinham como destinatários os americanos da classe média brancos, pelo que o texto inicial começa por ser legível para se tornar pouco legível (aqueles que tinham alguma capacidade de ascender socialmente) para, por fim, se tornar totalmente ilegível. Na segunda versão do texto, a ausência de pontuação articula-se com a falta de perspectiva de Pecola sobre o seu valor como pessoa. Já na terceira versão, a ausência de pontuação e de espaçamento articula-se com a falta da perspectiva de Pecola sobre o seu valor como pessoa, e com o seu estado de loucura. Tal como o texto pedagógico, a sua vida não faz sentido. Esta estratégia de fragmentação da sua narrativa permite múltiplas perspectivas e interpretações. A sua função é mostrar o processo de desconstrução da identidade, pois à medida que a diegese se vai desenvolvendo, a protagonista entra num modo progressivo de alienação e loucura. As peripécias que ocorrem ao longo da narrativa e o relacionamento entre Pecola e as outras personagens concorrem diretamente para este processo.

Apesar de tudo, e tendo em conta o que anteriormente foi referido, infere-se que o trajeto espacial de Pecola não pode ser considerado como inteiramente topofóbico. Ainda que o próprio nome de Cholly seja também ele simbólico, uma vez que lembra *charcoal*, ou seja carvão (uma substância negra e suja), a intenção dele ao violar Pecola não foi – tal como acima já foi referido - de a magoar, mas de lhe proporcionar ternura – a única forma de ternura que ele alguma vez conhecera, já que, como refere Morrison, Cholly queria fazer sexo com Pecola, mas de forma terna. Na verdade, ainda que o ato de Cholly seja indesculpável, é também consequência das condições degradantes de vida de um povo, que é obrigado a conviver em espaços exíguos que mais facilmente suscitam aproximação física. Neste romance há também referência a espaços

heterotópicos, nomeadamente, o bordel, um “espaço outro”, “de ilusão” (Foucault, 1967, 1984), próximo do que podemos entender por espaço homofílico. Curiosamente, este espaço heterotópico acaba por se tornar num espaço topofílico para Pecola, na medida em que as prostitutas a acolhem com carinho.

3.2.A casa – espaço topofílico e topofóbico

No romance em análise, a protagonista vê-se confrontada com dois espaços antagónicos. A casa onde habita com os seus pais, espaço onde nasceu e cresceu, é um espaço adverso e topofóbico, marcado pela violência e pela desídia. A casa dos Breedlove não só indica o estado de debilidade socioeconómica dominante, como também simboliza o conflito emocional e a degradação de valores. Este espaço é descrito como miserável, porque a Senhora Breedlove prefere a casa dos seus patrões em detrimento da sua, o que se traduz na negligência da sua família. O ambiente na casade Pecola é violento (sexualmente e fisicamente), instável e não há respeito nem demonstrações de carinho ou de amor por parte dos pais. Na verdade, como nos revela a própria Tony Morrison, o único local de onde emanava algum calor naquela casa era o fogão.

Quando seu pai Cholly incendeia a casa, Pecola é recebida pela família McTeer. Nesta família de acolhimento, a protagonista passa a integrar um lar, um espaço topofílico, de harmonia e bem-estar onde experiencia uma sensação de segurança. Nesta casa, Pecola ganha duas irmãs, que a consideram uma amiga e parte integrante da família. Claudia MacTeer, a irmã mais nova tem 9 anos e Frieda, a mais velha tem 10 anos. Neste lar elas são ensinadas a ter consciência do seu próprio valor e demonstram um enorme carinho e preocupação por Pecola, a quem apoiam no momento em que fica grávida do seu pai. Contudo, permanece o espaço da memória e nesse espaço persistem as recordações do ambiente topofóbico de onde provém, aliadas ao modo depreciativo com que é tratada, tanto pelos colegas da escola, como pelo judeu Jakobowski que - não obstante seja ele próprio um emigrante - a menospreza. Este episódio de clara discriminação verifica-se no momento em que Pecola lhe entrega dinheiro para pagar uns doces, e este desvia o olhar.

Acima de tudo, permanece indelével no espaço da sua memória o estereótipo, a razão pela qual ela consome demasiado leite em casa dos McTeer, a fim de poder usar a caneca onde está gravada a imagem de Shirley Temple, numa tentativa de identificação

com o ideal de beleza vigente. Como explica Julia Kristeva “Quando o objecto que eu incorporo é a [imagem], [no original lê-se palavra], do outro [...] eu me ligo a ele numa primeira fusão, comunhão, unificação. Por identificação – osmose psíquica. Por amor”. (*Histórias de Amor*, 1988:47). Assim, ainda que, tanto a sua casa como a casa de acolhimento sejam ambientes muito distintos, ambos desempenham um papel importante na formação da futura Pecola. No seu lar adotivo, apesar do amor que ela recebe, prevalece a obsessão pelo estereótipo de beleza imposto pela classe WASP (white, middle class, protestant), aqui simbolicamente representado nas imagens, ora de Shirley Temple – impressa na caneca de leite, ora de Mary Jane, gravada no involucrio dos rebuçados que Pecola adquire no estabelecimento de Jakobowski.

Conclusão

Neste estudo procurámos apresentar uma abordagem teórica assente em dois eixos fundamentais. Por um lado, procuramos contextualizar a obra literária de Toni Morrison à luz dos estudos culturais e das teorias pós-coloniais, que preconizam uma linha revisionista da história. Ao recuar, em alguns dos seus romances, ao tempo histórico dos impérios e da escravatura, a autora demonstra o impacto imediato de reterritorialização e desterritorialização do povo africano e as consequências que persistem até aos dias de hoje, de subalternização e exclusão. Ao problematizar temas como a experiência afro-americana, a autora oferece-nos um retrato vívido e acutilante da realidade social do seu país e, sobretudo, o drama da segregação social e dos seus efeitos perversos que conduzem à alienação e invisibilidade da pessoa humana.

Por outro lado, socorrendo-nos das teorias de referência no âmbito da espacialidade e, em concreto, da topoanálise, centramos o nosso estudo no espaço simbólico da casa, elucidando como no romance em estudo, a personagem principal habita um espaço topofóbico, adverso à sua integridade física e mental e como, em contrapartida, a casa de acolhimento se revela um espaço topofílico, de conforto, segurança e promoção da auto-confiança da protagonista. Aos espaços topofílico e topofóbico vem associar-se, neste romance, um espaço outro, o do bordel, heterotópico por natureza, que funciona ao mesmo tempo, como espaço de refrigério e de resgate, face ao ambiente de hostilidade em que Pecola tinha vivido.

Por último, fazemos referência à ideia que dá título a este trabalho, os espaços de invisibilidade na narrativa de Toni Morrison. Desde logo, a personagem Pecola, sempre

invisível aos olhos de todos, facto que conduz à necessidade de ser notada pela sociedade que a rodeia, conduz à loucura, e resulta na anulação de si própria, circunstância que agrava irreversivelmente a invisibilidade a que está sujeita. O drama de Pecola é afinal, o drama da mulher negra, que durante séculos viu preterida a sua dignidade, menosprezada a sua beleza, interior e exterior, e o papel que de direito lhe cabe na sociedade. Há, ainda, a destacar, em linha do que foi até agora mencionado, a questão da invisibilidade da cultura afro-americana, e que a autora procura desocultar através da representação literária. A narrativa *engagée* de Morrison é, nesse sentido, transformadora, procurando resgatar a cultura afro-americana e dar voz ao seu povo. cremos, pois, que Morrison se inscreve nos ideais defendidos pelo movimento decolonial, que dá voz ao subalterno, enaltece a sua cultura e encontra vias para a sua autonomia económica, política e social.

Referências bibliográficas

- Bachelard, Gaston (2012). *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- Deleuze, Gilles; Guattari, Félix (1992). *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Foucault, Michel (1984). “Of Other Spaces, Heterotopias.” *Architecture, Mouvement, Continuité* no. 5 (1984): 46-49.
- Hall, Stuart (1990). “Cultural Identity and Diaspora”. In: J. Rutherford (Ed.) *Identity: community, culture, difference*. London: Lawrence and Wishart, 222-237.
- Hinshelwood R.D (1989). *A Dictionary of Kleinian Thought*. London: Free Association Books.
- Khayati, Abdellatif (1999). “Representation, Race and the ‘Language’ of the ineffable in Toni Morrison’s narrative”. *African American Review*, Summer, vol.33, nº2, 313-324.
- Kottiswari, W.S. (2018). “Postmodernism in the American Context – Toni Morrison as a Postmodernist”. *Postmodern Feminist Writers*. New Dehli: Sarup & Sons, 48-86.
- Kristeva, Julia. (1988) *Histórias de Amor*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Guerra.
- Morrison, Toni (2000). *The Bluest Eye*. New York: Random House USA Inc.
- Spivak, Gayatri Chakravorty (1988). “Can the subaltern speak?”. In: Cory Nelson & Lawrence Grossberg (Eds.). *Marxismo and the Interpretation of Culture*. London: Macmillan, 24-28.
- Steiner, George (1995). *Extraterritorial. A Literatura e a Revolução da Linguagem*. São Paulo: Editora Schwarcz.
- Terry, Jennifer (2005). “Reading Toni Morrison Critically”. *Literature Compass* 2, AM, 147, 1-9.

Tuan, Y-Fu (1980). *Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. S.P.: DIFEL.

Tuan, Y-Fu (2001). *Space and Place: The Perspective of Experience*, 8.^a ed. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.

Tuan, Y-Fu (2005) “Medo da Cidade” *Paisagens do medo*. Trad. de Livia de Oliveira. S.Paulo: EdUNESP.